

Musicalização e ensino coletivo de instrumentos: fundamentos e debates no campo da Arte/Educação

William Wanderley da Silva
Mestrando UFRN

Resumo

O presente artigo tem como objeto de análise os fundamentos epistemológicos e pedagógicos da Arte/Educação, compreendida como campo do conhecimento que integra dimensões estéticas, cognitivas, sociais e culturais no processo formativo dos sujeitos. A pesquisa parte da premissa de que a Arte, em suas diferentes linguagens — Artes Visuais, Dança e Música —, não se limita à dimensão expressiva, mas constitui-se como prática crítica, social e interdisciplinar que favorece a construção de sentidos e o exercício da cidadania.

A discussão teórica fundamenta-se em referenciais clássicos e contemporâneos da Arte/Educação, destacando as contribuições da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa (1991), que valoriza o tripé apreciação, contextualização e produção, e das abordagens culturais de Fernando Hernández (2000), que situam a Arte como prática social e crítica. Esses referenciais, aliados às diretrizes da BNCC (2017), sustentam a compreensão da Arte como direito formativo e como espaço de ampliação das experiências estéticas, em diálogo com a diversidade cultural e com as demandas do mundo contemporâneo.

No que concerne especificamente à Música, o artigo enfatiza a musicalização e o ensino coletivo de instrumentos como práticas pedagógicas que potencializam o desenvolvimento integral. A musicalização é aqui compreendida não apenas como aprendizado técnico, mas como processo de sensibilização estética e cognitiva, fundamentado na escuta, na experimentação e na criatividade (GAINZA, 1988; BRITO, 2010). Já o ensino coletivo de instrumentos rompe com a lógica individualista e tecnicista da formação musical, favorecendo a aprendizagem colaborativa, a inclusão e a construção da coletividade. Tais práticas fortalecem vínculos sociais, ampliam

repertórios culturais e contribuem para a formação de sujeitos autônomos, críticos e sensíveis. Os resultados das reflexões apontam que a musicalização e o ensino coletivo de instrumentos, quando integrados às demais linguagens artísticas, podem atuar como estratégias pedagógicas potentes no âmbito da Arte/Educação, articulando conhecimentos técnicos, valores sociais e experiências estéticas. Além disso, tais práticas respondem a debates emergentes do campo, tais como: a necessidade de promover educação estética em tempos de saturação digital; o reconhecimento da diversidade e da interculturalidade no ensino da Arte; e os desafios e possibilidades do uso de tecnologias digitais em processos criativos.

Conclui-se que a Arte/Educação, fundamentada em perspectivas críticas e interdisciplinares, deve ser compreendida como campo epistemológico indispensável à formação integral. A musicalização e o ensino coletivo de instrumentos, em especial, representam práticas que contribuem significativamente para a democratização do ensino artístico, para a valorização da diversidade cultural e para a constituição de experiências educativas voltadas à sensibilidade, à coletividade e à cidadania.

Palavras-chave: Arte/Educação; Musicalização; Ensino coletivo; Epistemologia; Processos de aprendizagem.

Abstract

This article analyzes the epistemological and pedagogical foundations of Art/Education, understood as a field of knowledge that integrates aesthetic, cognitive, social, and cultural dimensions in the formative process of individuals. Based on classical and contemporary references, it highlights Ana Mae Barbosa's Triangular Proposal (1991) and Fernando Hernández's cultural approaches (2000), aligned with the BNCC (2017), which establish Art as a formative right and a space for aesthetic experience in dialogue with cultural diversity and contemporary demands. Specifically in the field of Music, the study emphasizes musicalization and collective instrumental teaching as pedagogical practices that foster integral development, not limited to technical learning but grounded in listening, experimentation, creativity, and collaborative processes (GAINZA, 1988; BRITO, 2010). Such practices strengthen social bonds, expand cultural repertoires, and contribute to the formation of autonomous, critical, and sensitive subjects. The reflections point out that musicalization and collective teaching of instruments, when articulated with other artistic languages, emerge as powerful strategies in Art/Education, addressing current debates such as aesthetic education in digital contexts, interculturality, and the use of digital technologies in creative processes. It concludes that Art/Education, supported by critical and interdisciplinary perspectives, is an essential epistemological field for integral education, in which music practices play a significant role in democratizing artistic learning, valuing cultural diversity, and fostering sensitivity, collectivity, and citizenship.

Keywords: Art/Education; Musicalization; Collective teaching; Epistemology; Learning processes.

1. Introdução

A Arte/Educação ocupa um lugar de destaque nos debates contemporâneos sobre ensino e aprendizagem, pois ultrapassa a dimensão estética e assume papel formativo, crítico e cultural. Na escola, o ensino de Arte se apresenta como espaço de diálogo entre diferentes linguagens — Música, Dança, Artes Visuais e Teatro —, favorecendo o desenvolvimento integral dos estudantes.

Entre os diversos campos de estudo e prática, a musicalização e o ensino coletivo de instrumentos emergem como estratégias pedagógicas que ampliam a dimensão social da Arte, ao mesmo tempo em que promovem sensibilização estética, criatividade e construção da coletividade. Tais práticas não apenas contribuem para a aprendizagem musical, mas também ressignificam a Arte como linguagem que conecta experiências individuais e coletivas.

Este artigo tem como objetivo discutir os fundamentos da Arte/Educação em uma perspectiva epistemológica e pedagógica, analisando em especial as contribuições da musicalização e do ensino coletivo de instrumentos musicais. Ao longo do texto, busca-se articular as especificidades das Artes Visuais, da Dança e da Música, refletindo sobre suas potencialidades no processo de formação humana e cidadã.

2. Fundamentos Epistemológicos da Arte/Educação

O campo da Arte/Educação configura-se como um espaço epistemológico plural, no qual dialogam diferentes concepções de arte, cultura e educação. Sua fundamentação epistemológica não se limita à transmissão de técnicas ou conteúdos artísticos, mas reconhece a arte como conhecimento sensível, estético, histórico e socialmente situado.

Nesse sentido, pensar a Arte/Educação implica compreender que os processos de ensino-aprendizagem no âmbito artístico não podem ser reduzidos a meras metodologias de instrução, mas devem ser concebidos como práticas formativas que articulam experiência, reflexão e criação.

Autores como Duarte Jr. (1988) e Barbosa (2005) ressaltam que a arte, enquanto forma de conhecimento, ocupa um lugar singular, pois possibilita ao sujeito desenvolver modos de perceber, interpretar e ressignificar o mundo. Sob esse viés, a Arte/Educação se estrutura epistemologicamente no reconhecimento da arte como linguagem, como campo de produção simbólica e como instância de construção de sentidos. Trata-se de um conhecimento que não se subordina exclusivamente à racionalidade científica, mas que se legitima na experiência estética e na dimensão expressiva e criadora do ser humano.

Além disso, a epistemologia da Arte/Educação está vinculada a uma concepção de educação crítica e libertadora, como defendida por Paulo Freire (1996), em que a arte se apresenta como um instrumento de emancipação, de diálogo cultural e de ampliação da consciência. Essa perspectiva coloca a prática artística e pedagógica em um horizonte interdisciplinar, no qual o ensino da arte não se resume a reproduzir modelos, mas propõe a formação de sujeitos críticos, criativos e capazes de atuar no mundo com autonomia e sensibilidade.

No caso específico da musicalização e do ensino coletivo de instrumentos, tais fundamentos epistemológicos se desdobram na valorização da música enquanto prática social, cultural e cognitiva. O conhecimento musical, ao ser trabalhado coletivamente, não apenas promove habilidades técnicas, mas também fomenta processos de socialização, cooperação e escuta sensível. Desse modo, a epistemologia da Arte/Educação, aplicada à música, ultrapassa o domínio técnico e incorpora dimensões éticas, estéticas e políticas da formação humana.

Assim, os fundamentos epistemológicos da Arte/Educação, ao integrarem a musicalização e o ensino coletivo de instrumentos, reafirmam a arte como um campo de conhecimento legítimo e indispensável à formação integral do sujeito, sustentando

debates contemporâneos que visam ressignificar o papel da arte na escola e na sociedade.

3. Processos de Ensino e Aprendizagem em Arte

3.1 Artes Visuais: olhar crítico e imagético

O ensino das Artes Visuais possibilita aos alunos desenvolverem percepção estética, senso crítico e compreensão histórica da produção artística. A leitura e criação de imagens dialogam com a cultura visual contemporânea e suas múltiplas linguagens.

3.2 Dança: corpo, movimento e coletividade

A Dança, enquanto prática educativa, valoriza o corpo como linguagem e promove consciência corporal, expressão de identidades e vivências coletivas. Sua inserção na escola amplia repertórios culturais e promove inclusão.

3.3 Música: musicalização e experiências sonoras

A Música é um campo privilegiado da Arte/Educação, pois mobiliza emoção, memória, ritmo e coletividade. A musicalização, entendida como vivência sensível de sons, vai além da técnica e favorece a escuta ativa, a criatividade e a integração dos sujeitos em processos de ensino colaborativos.

4. Musicalização e o Ensino Coletivo de Instrumentos

4.1 Conceitos e fundamentos da musicalização

A musicalização envolve processos de sensibilização e formação musical que privilegiam a escuta, a experimentação e a criatividade. Autores como Gainza (1988) e Brito (2010) defendem que a musicalização deve ser compreendida como experiência formativa integral, que mobiliza dimensões cognitivas, sociais e afetivas. Constituindo um processo formativo que vai além da mera aquisição de habilidades técnicas, configurando-se como uma experiência estética, cognitiva e social. Trata-se de um percurso que envolve percepção, criação, interpretação e fruição musical, possibilitando ao sujeito desenvolver sua sensibilidade, criatividade e consciência crítica.

Nesse sentido, a musicalização deve ser compreendida como um processo de educação integral, no qual a música não é apenas conteúdo, mas também meio de expressão, de diálogo cultural e de construção de subjetividades. No contexto escolar, o ensino coletivo de instrumentos musicais apresenta-se como uma metodologia que rompe com a lógica tradicional das aulas individuais e valoriza a prática colaborativa. Ao aprender em grupo, os estudantes são inseridos em um ambiente no qual a cooperação, a escuta e a interação se tornam elementos centrais do processo pedagógico. Essa prática contribui para o fortalecimento da coletividade, da disciplina compartilhada e da construção de uma identidade musical comum, ao mesmo tempo em que respeita a individualidade de cada participante.

Diversos estudos (TOURINHO, 2006; DEL BEN, 2012) apontam que o ensino coletivo favorece tanto a motivação dos alunos quanto o desenvolvimento de competências musicais e sociais, uma vez que integra diferentes níveis de aprendizagem em um mesmo espaço. Ao vivenciar a prática instrumental em conjunto, os estudantes exercitam a escuta atenta, a sincronização, a convivência com a diversidade de saberes e a corresponsabilidade na produção musical.

Aplicada ao campo da Arte/Educação, essa abordagem fortalece a ideia de que a música, mais do que uma técnica, é uma prática social e cultural. O ensino coletivo amplia o alcance da musicalização, possibilitando que um maior número de alunos tenha acesso

ao fazer musical e compreenda a música como um direito cultural e educacional. Assim, a musicalização aliada ao ensino coletivo de instrumentos torna-se uma estratégia pedagógica potente, capaz de articular dimensões estéticas, éticas e sociais, reafirmando o papel da música na formação integral do sujeito e no fortalecimento de vínculos comunitários dentro e fora da escola.

4.2 O ensino coletivo de instrumentos

O ensino coletivo rompe com modelos individualizados e tecnicistas. Ao valorizar a prática em grupo, promove experiências colaborativas, disciplina compartilhada e aprendizagens horizontais. Além disso, favorece a democratização do acesso ao ensino musical, ampliando oportunidades para estudantes que dificilmente teriam aulas particulares.

4.2.1 Exemplos e conteúdo no processo de ensino e aprendizagem coletiva

Para tornar mais concreta a compreensão do ensino coletivo de instrumentos, é necessário destacar exemplos e conteúdos trabalhados nesse processo. O ensino coletivo baseia-se em uma organização pedagógica que articula prática instrumental, percepção musical, criação e reflexão. Entre os conteúdos frequentemente abordados, incluem-se: noções de pulsação, ritmo e métrica; leitura e escrita musical; exploração sonora; improvisação; harmonia e prática de conjunto. Esses conteúdos são desenvolvidos de forma integrada, priorizando a experiência coletiva e a participação ativa dos alunos.

As práticas podem envolver atividades como rodas de percussão, ensaios de pequenos grupos instrumentais, arranjos coletivos de canções populares, execução de repertórios folclóricos e contemporâneos, jogos rítmicos e exercícios de escuta e imitação. Tais experiências valorizam o diálogo e o aprendizado mútuo, permitindo que cada estudante contribua com seu potencial individual dentro do coletivo. Além disso, o planejamento das aulas pode contemplar o estudo progressivo de repertórios, a construção de arranjos adaptados ao nível técnico do grupo e o uso de instrumentos variados — como flautas, violões, teclados, percussão e instrumentos alternativos confeccionados pelos próprios alunos. O professor atua como mediador, orientando o grupo na organização sonora e estimulando a autonomia, a escuta e a colaboração entre pares.

Esses exemplos evidenciam que o ensino coletivo de instrumentos não se restringe à execução musical, mas envolve um processo formativo amplo, no qual os alunos desenvolvem competências técnicas, cognitivas e socioemocionais. Dessa forma, a prática musical coletiva torna-se um espaço pedagógico de vivência estética, convivência social e construção de sentidos compartilhados.

4.3 Inclusão, cidadania e coletividade

As práticas de musicalização e ensino coletivo de instrumentos contribuem para a inclusão de alunos com diferentes níveis de habilidade, respeitando ritmos e estilos diversos. Tais experiências fortalecem vínculos sociais, ampliam a percepção de pertencimento e consolidam a Arte como espaço de cidadania.

5. Debates Emergentes no Campo da Arte/Educação

5.1 Educação estética em tempos digitais

Em um contexto marcado pela globalização e pelo excesso de estímulos visuais e sonoros, a Arte/Educação enfrenta o desafio de preservar espaços de sensibilidade e reflexão estética. A musicalização coletiva pode funcionar como contraponto, promovendo escuta atenta e experiências compartilhadas.

5.2 Diversidade e interculturalidade

O ensino da Arte deve contemplar a pluralidade cultural do Brasil. A música, a dança e as artes visuais oferecem recursos para valorizar a diversidade e promover o diálogo entre culturas, fortalecendo práticas pedagógicas interculturais.

5.3 Arte, inovação e tecnologia

As tecnologias digitais transformam modos de criar, ensinar e fruir a Arte. O uso de aplicativos, softwares de edição e plataformas colaborativas possibilita novas experiências, mas também demanda reflexões epistemológicas que evitem reducionismos.

6. Considerações Finais

A presente reflexão buscou discutir os fundamentos epistemológicos e pedagógicos da Arte/Educação, com ênfase na musicalização e no ensino coletivo de instrumentos como práticas formativas. A partir do diálogo entre referenciais teóricos clássicos e contemporâneos, bem como das diretrizes curriculares que norteiam a educação brasileira, torna-se evidente que a Arte, em suas diversas linguagens, deve ser compreendida como campo do conhecimento e como prática social que contribui decisivamente para a formação integral do sujeito.

No âmbito específico da música, a musicalização e o ensino coletivo de instrumentos revelaram-se estratégias pedagógicas capazes de articular sensibilidade estética, aprendizagem técnica e desenvolvimento socioemocional. Ao deslocar o foco da performance individual para a experiência compartilhada, tais práticas instauram uma pedagogia da coletividade, na qual a escuta, a cooperação e a criatividade se tornam elementos centrais do processo formativo. Essa perspectiva rompe com paradigmas

tradicionais centrados no virtuosismo e na técnica isolada, possibilitando que a música seja vivida como experiência estética democrática, inclusiva e cidadã.

De modo mais amplo, verifica-se que a Arte/Educação, ao integrar Música, Dança e Artes Visuais, deve assumir um caráter interdisciplinar, que permita articular saberes, culturas e práticas diversas. Tal integração potencializa o desenvolvimento da sensibilidade crítica, fomenta a imaginação criadora e oferece condições para que os estudantes possam compreender-se como sujeitos históricos, inseridos em contextos sociais e culturais dinâmicos. Além disso, ao valorizar a diversidade cultural, a Arte/Educação contribui para a construção de práticas pedagógicas interculturais, nas quais a diferença é reconhecida como potência formativa.

As análises desenvolvidas também permitem afirmar que a Arte/Educação, fundamentada em bases epistemológicas críticas, responde a demandas contemporâneas que ultrapassam os limites da escola. Em uma sociedade marcada por fluxos digitais, por tensões sociais e por desafios relacionados à inclusão, o ensino da Arte torna-se um espaço privilegiado de resistência, de humanização e de promoção da cidadania.

A musicalização e o ensino coletivo, nesse contexto, não se configuram apenas como estratégias metodológicas, mas como práticas que materializam valores éticos, estéticos e sociais indispensáveis à educação do século XXI.

Conclui-se, portanto, que a consolidação de políticas e práticas de Arte/Educação exige o fortalecimento de perspectivas críticas, interdisciplinares e inclusivas, que reconheçam a Arte como direito e como necessidade formativa. A musicalização e o ensino coletivo de instrumentos, articulados às demais linguagens artísticas, representam não apenas um caminho metodológico, mas também um horizonte político-pedagógico capaz de contribuir para a formação de sujeitos mais sensíveis, criativos, solidários e comprometidos com a transformação social.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.
- BRITO, Teca Alencar de. Música na educação infantil. São Paulo: Peirópolis, 2010.
- DEL BEN, Luciana. *Ensino coletivo de instrumentos musicais: perspectivas e desafios*. Porto Alegre: UFRGS, 2012.
- DEL BEN, Luciana; HENTSCHKE, Liane. *Educação Musical: fundamentos e reflexões*. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GAINZA, Violeta de. La educación musical: una introducción a la pedagogía musical contemporánea. Buenos Aires: Ricordi, 1988.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho.
- ILARI, Beatriz. *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2006.
- PENNA, Maura. *Educação musical e cultura: desafios da contemporaneidade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. Campinas: Autores Associados, 2003.